

Intervenção Arqueológica no Castelo de Alcobaça

campanhas de 2002-2004

por Jorge António

Arqueólogo.

1. Introdução

A intervenção arqueológica em curso no Castelo de Alcobaça enquadra-se no âmbito de um projecto apresentado ao IPA, integrado no Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos de 2000. Conta, desde o início, com o apoio material e financeiro da Câmara Municipal de Alcobaça e com o imprescindível apoio de uma alargada equipa de voluntários, na grande maioria estudantes de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e, ainda, de estudantes do ensino secundário e de outros voluntários de Alcobaça.

O projecto tem a direcção científica do arqueólogo signatário deste artigo, tendo a Dr.^a Maria Augusta Trindade Ferreira como consultora científica na área da História e o Dr. Cláudio Torres como consultor científico na área da Arqueologia. Os trabalhos de escavação contam, ainda, com o acompanhamento técnico do Eng.^o Pedro Tavares, para a salvaguarda da estabilidade estrutural das muralhas e muros postos a descoberto.

2. Localização

O Castelo de Alcobaça ¹ é uma fortificação localizada num morro sobranceiro à cidade, a uma cota máxima de 73 metros, na margem esquerda do Rio Baça e a poucos metros da Praça 25 de Abril (antigo Rossio). Pertence à freguesia de Alcobaça e tem acesso, actualmente, pela Avenida Maria e Oliveira.

A cidade de Alcobaça ² é sede de um município com 408,1 km², tem dezoito freguesias e localiza-se na confluência dos rios Alcoa e Baça, a Oeste do

Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros e a Sudoeste da capital de distrito, Leiria.

3. Síntese Histórica

As fontes históricas, no que concerne, principalmente, à fundação do castelo, são confusas e, até mesmo, contraditórias.

Maximiano de Lemos e Pinheiro Chagas colocam a hipótese do castelo ter, na sua origem, uma edificação visigoda dos séculos VI ou VII, reedificada e ampliada pelos árabes em 716, e conquistada posteriormente por D. Afonso Henriques, em 1147. Segundo os autores, terá sido parcialmente destruído pelos árabes em 1195, após a incursão efectuada pelo "Miramolim". D. Sancho I manda-o reconstruir, para defesa dos monges cistercienses contra futuras incursões, evitando uma nova chacina. Esteves PEREIRA e Guilherme RODRIGUES (1904: 162) e Pinho LEAL (1873-1890) acrescentam que, quando os árabes a tomam, chamam-lhe *Al-Cacer-Ben-el-Abbaci*, por ser este o nome da porta de uma cidade de Marrocos que, por sua vez, tomou o nome de uma mesquita dedicada a *Ben-Abbas*. Pinho Leal refere, ainda, que D. Afonso Henriques designa esta fortificação de *Castello de Ben-Ab-Cete*, na carta de doação aos monges bernardos, datada de 1147.

Já Frei António BRANDÃO (1632: 185) e Vieira NATIVIDADE (1885) defendem que terá uma funda-

¹ Imóvel de Interesse Público, Dec. n.º 95/78, D.R. 210 de 12 de Setembro de 1978.

² *Carta Militar de Portugal*, escala 1: 25 000, folha n.º 317.

r e s u m o

Resultados das campanhas de escavação arqueológica realizadas no castelo de Alcobaça entre os anos 2002 e 2004.

Apresentam-se as estruturas e o espólio identificado, de excepcional importância científica e arqueológica para a caracterização de uma cultura material associada a contextos de habitação e, em particular, às actividades de confecção dos alimentos e de vestuário diverso.

p a l a v r a s c h a v e

Idade Média; Idade Moderna; arquitectura militar; castelo; cerâmica de cozinha.

a b s t r a c t

Results from archaeological excavation campaigns carried out in the castle of Alcobaça between 2002 and 2004.

The author presents the structures and remains that were identified and are of exceptional scientific and archaeological importance for the characterisation of a material culture associated with living contexts and, in particular, with preparing food and making different types of clothing.

k e y w o r d s

Middle Ages; Modern Age; military architecture; castle; kitchen pottery.

r é s u m é

Résultats des campagnes de fouille archéologique réalisées au château de Alcobaça entre 2002 et 2004.

On en présente les structures et la dépouille identifiée, d'une exceptionnelle importance scientifique et archéologique pour la caractérisation d'une culture matérielle associée à des contextes d'habitation et, en particulier, aux activités de confection des aliments et des vêtements divers.

m o t s c l é s

Moyen Âge; Période Moderne; architecture militaire; château; céramique de cuisine.

ção islâmica, enquanto que Frei Manoel dos SANTOS (1710) e Saúl GOMES (s.d.) apoiam a tese de que o castelo foi mandado construir por D. Sancho I, para defesa dos monges, contra futuras incursões árabes.

O rei D. Fernando, apesar de herdar um reino estável política e economicamente, envolve-se na crise sucessória castelhana, levando-o a reparar e construir diversos castelos e a cercar de novas muralhas as cidades de Lisboa e do Porto, face a uma eminente ameaça do reino vizinho. Em 1369, no âmbito destas políticas e durante o abacialato de D. Frei Martinho³ e não durante o abacialato de D. Frei João de Ornellas, como refere Frei Manuel de FIGUEIREDO (1780), procede-se ao reforço do Castelo de Alcobaça com uma Barbacã, à custa de um imposto lançado à população.

O sucessor de D. Frei Martinho, abade D. Frei João de Ornellas⁴, coloca o Castelo de Alcobaça sob o domínio da Ordem de Avis.

Esteves Pereira e Pinho Leal referem que, devido aos danos provocados numa das torres do castelo pelo terramoto de 1422, D. João I lança um imposto à população do couto, no intuito de aliviar o empreendimento sobre as Finanças da Coroa. Dois anos depois, o abade do mosteiro, D. Frei Fernando do Quental⁵, leva a efeito as obras pretendidas.

Em 1456, o abade D. Frei Gonçalo Ferreira⁶, beneficiou o castelo com algumas obras, entre as quais na Torre de Menagem, que lhe deram um carácter mais habitacional.

O terramoto de 1755 provocou danos irreparáveis no castelo, que perdeu, desde esta data, a função de alcaidaria e a Torre de Menagem de cárcere.

Em 1838, a Câmara Municipal de Alcobaça delibera a demolição do castelo, devido à forte procura de pedra para construção que se fazia sentir na região. Até 1855, são doadas e vendidas milhares de carradas de pedra diversa e cantaria (VILLA NOVA 1940). Cerca de um século depois, em 1956, a autarquia procede a obras de restauro e desaterra o castelo, no âmbito da visita a Alcobaça da rainha Isabel II de Inglaterra, que se efectuou no ano seguinte.

4. Descrição do Castelo

O Castelo de Alcobaça (Figs. 1 e 2) foi edificada numa pequena colina, constituída por grés e argilas do Jurássico Superior, dando-lhe uma estável e sólida fundação.

Possuía uma Barbacã (B), de planta oval, com entrada localizada a Sudeste. Era reforçada com quatro cubelos, um dos quais de planta quadrangular, virado a Sudoeste, dois semicirculares, a Norte, e outro, de maiores dimensões, de planta quadrada e que ainda conserva uma seteira, virado a Nordeste. Os cubelos da Barbacã estão estrategicamente localizados no lado de mais fácil acesso.

A Noroeste, entre a Barbacã e o Castelo, localiza-se a Torre Albarrã (TA), também designada de "Torre dos Sete Sobrados". Tem planta quadrada, uma área interna de cerca de 40 m² e ligava ao castelo por uma poterna, da qual hoje nada existe. No século XVIII, Frei Manuel de Figueiredo refere que os vestígios que encontrou no local mostram que a torre ligava ao castelo, também, por caminho subterrâneo. A Torre Albarrã, à semelhança da Torre de Menagem e Castelo, foi edificada com silhares, de grés, de grandes dimensões.

O castelo, outrora circundado pela Barbacã e por um fosso, tem uma orientação Noroeste-Sudeste, uma área interna de cerca de 700 m² e apresenta planta rectangular, afunilando ligeiramente para Sudeste. Possui sete cubelos quadrangulares, quatro no alçado virado a Nordeste e três no alçado a Sudoeste. Teria duas entradas, uma junto à Torre Albarrã (PA), posteriormente fechada em data indeterminada, e outra, projectada para a entrada da Barbacã, entre a Torre de Menagem e o cubelo virado a Nordeste, com porta arqueada, encimada por uma janela (PM).

No século XVIII, ainda eram visíveis quatro colunas no interior do castelo, o que parece sugerir que o pátio interno seria coberto, porventura por uma estrutura de captação de água da chuva para a cisterna.

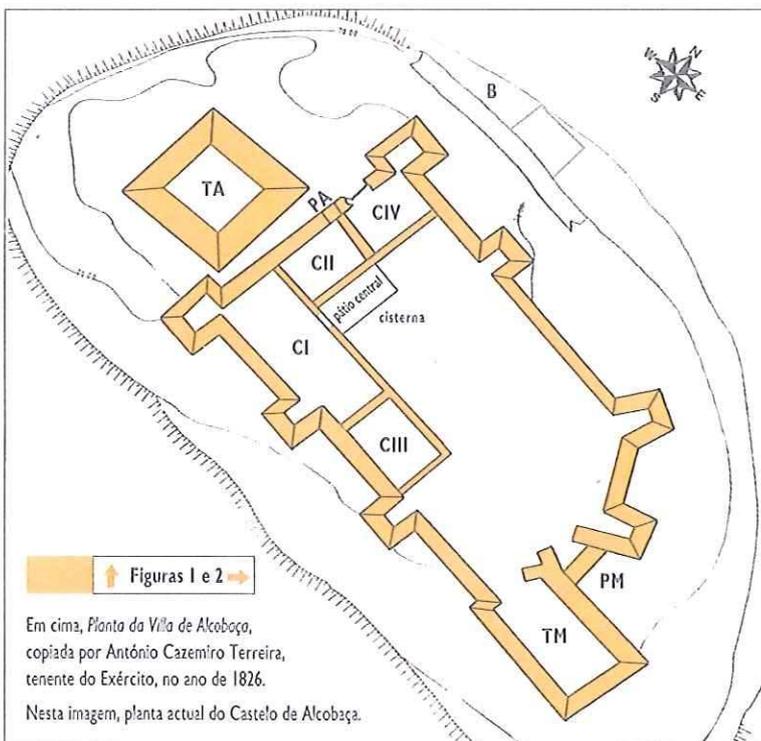
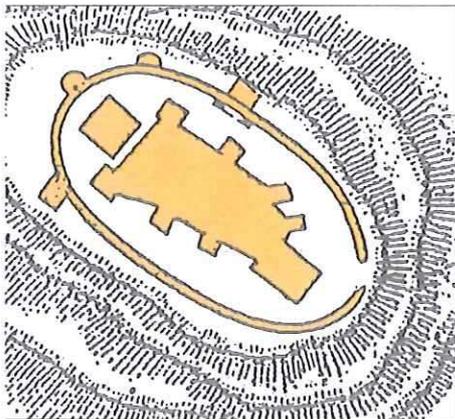
Sobrancelha ao Mosteiro, localiza-se a Torre de Menagem (TM), de planta rectangular e com uma área de cerca de 30 m², também designada pelo "nome

³ Abade do Mosteiro de Alcobaça entre 1369 e 1381.

⁴ Abade do Mosteiro de Alcobaça entre 1381 e 1414.

⁵ Abade do Mosteiro de Alcobaça, sucedendo a D. Frei Gonçalo, que morreu após ter ocupado o cargo durante apenas quatro meses. É deposto, em 1427, através de Bula Papal.

⁶ Abade do Mosteiro de Alcobaça entre 1446 e 1460.



Em cima, Planta da Vila de Alcobaça, copiada por António Cazemiro Terreira, tenente do Exército, no ano de 1826.

Nesta imagem, planta actual do Castelo de Alcobaça.

do Cardeal e homenagem". Frei Manuel de Figueiredo referir-se-á, talvez, ao Cardeal D. Henrique ⁷. Tinha janelas nos alçados Nascente e Sul e, no Nascente, ostentava uma imagem de Nossa Senhora da Pena. Por baixo desta, um brasão, com quatro vieiras postas

em aspa, possivelmente terá pertencido ao Abade Frei Nicolau Vieira ou ao seu sobrinho, o alcaide Lançarote Gonçalves, nomeado em 1474.

Em 1925, o castelo é comprado a um particular de Aljubarrota, reaproveitando-se, três anos depois, a antiga cisterna para depósito de distribuição de água potável (VILLA NOVA 1941). Actualmente desactivada, conserva ainda, à superfície, a entrada e dois respiradouros. Ocupa uma área considerável, tem planta rectangular e tecto em dupla abóbada, separado por uma coluna central. A cisterna terá, certamente, na sua origem mais remota, outra de menores dimensões, coetânea da primeira fortificação edificada no local.

5. Diversidade Funcional

O Castelo de Alcobaça constitui um baluarte da presença de comunidades que poderão remontar ao século VI, e que se estende, quase ininterruptamente, até ao século XVIII.

A primeira estrutura a ser edificada, estrategicamente localizada na colina, poderá não ter sido mais do que uma torre de vigia/controlo de mercadorias, pessoas e animais, sobre as ricas terras de Alcobaça. Faria parte de um conjunto de outras torres, nomeadamente a Torre de D. Framondo, a de Fimalicão e a de Pedemeira (BARBOSA 1987: 324-325).

Era no Castelo de Alcobaça que D. Sancho I ⁸, à semelhança do que fazia em Leiria, guardava parte do seu tesouro argênteo, tal como é referenciado no próprio testamento do monarca, datado de 1210.

Funcionaria ainda como defesa da linha de costa, pois importa não esquecer que, durante grande parte da Idade Média, o mar interior chegava à Fervença e, como tal, era fundamental o controlo da apertada garganta de acesso da bacia hidrográfica dos rios Alcoa e Baça a este dito mar interior. A própria situação geográfica do porto do Castelo de Alfeizerão, de acesso fácil a partir da costa, permitiu que, até ao reinado de D. Manuel, tivesse capacidade para receber 80 navios.

Segundo Pinheiro Chagas e Esteves Pereira, o Castelo de Alcobaça formava, com os castelos de Pombal, Leiria e Óbidos, uma espécie de linha avançada na defesa da florescente cidade de Lisboa. Contudo, perde toda a importância militar à medida que se introduz a artilharia na arte da guerra.

Além de constituir um instrumento preponderante do exercício do poder temporal dos abades cistercienses, fundamentalmente como prisão, serviu de abrigo aos omnipotentes abades, face às incursões árabes.

Frei Manuel dos Santos refere que, até ao século XVI, os Abades Perpétuos tinham habitações no Castelo de Alcobaça e outras, de recreação, no Castelo de Alfeizerão. Possivelmente, será a partir desta centúria que a Torre Menagem passou a servir de cárcere, assim como o castelo de alcaidaria, até ao terramoto de 1755, que o deixou em ruínas.

Nem todos os alcaides terão vivido no castelo. Alguns deles deslocar-se-iam apenas periodicamente aos gabinetes que lá teriam, para despacho de expediente. Certo é que o espólio recolhido nestas três campanhas associado ao século XVIII, sugere que o alcaide em exercício em Alcobaça até ao terramoto terá, de facto, vivido no castelo. Os alcaides do Castelo de Alcobaça eram nomeados pelo abade e não pelo rei, sintomático, mais uma vez, do imenso poder dos abades cistercienses.

6. Intervenção Arqueológica

6.1. Áreas Intervencionadas (Fig. 3)

6.1.1. Compartimento I (CI)

Localizado no canto Sudoeste do castelo, entre os Compartimentos II e III, apresenta uma área interna de 58 m², sendo o maior dos compartimentos escavados até ao momento.

Neste compartimento, foram encontradas diversas bases de pilar em grés, em diferentes níveis estratigráficos e estrategicamente localizadas, que teriam originalmente fustes em madeira, para sustentação de um sobrado. Associados a estas bases, identificaram-se diversos pavimentos de terra batida, alguns dos quais com restauros muito toscos e diferentes do original, acusando o enorme desgaste causado pelo uso intensivo dos mesmos.



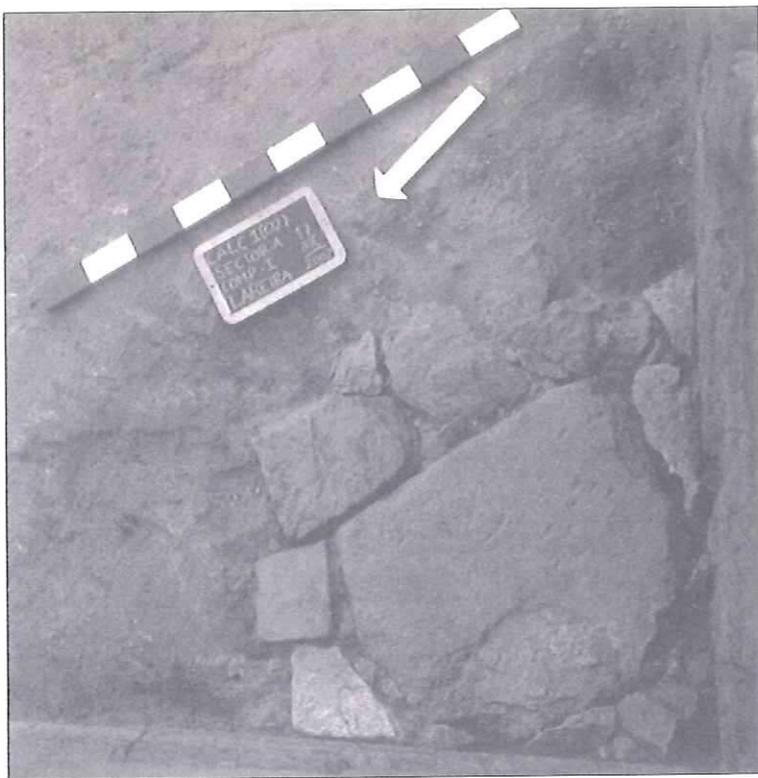
↑ Figura 3

Planta das áreas intervencionadas.

- CI a CIV. Compartimentos;
- PA. Porta do castelo;
- P1 e P2. Portas;
- L1 a L3. Lareiras;
- BM. Barrotos de madeira;
- D. Degraus;
- BC. Base de coluna.

⁷ Administrador perpétuo do Mosteiro de Alcobaça desde 1542. Nomeado cardeal em 1545, assume em 1570 o cargo de toda a congregação cisterciense no reino, e de rei, após a morte de D. Sebastião, em 1580.

⁸ É não D. Sancho II, tal como refere Frei Manuel de Figueiredo (1780), no manuscrito citado.



↑ Figuras 4 e 5 ↓

Castelo de Alcobaça,
Compartimento I, lareiras L1
(em cima) e L2 (em baixo).

No canto Sudoeste, foi descoberta uma lareira (L1), constituída por uma pedra plana rubefacta, de grandes dimensões, rodeada por outras de menor dimensão (Fig. 4). Sobre a lareira e na zona envolvente, foi encontrada uma grande quantidade de cinzas e alguns carvões. A este espaço de preparação, confecção e consumo de refeições, podemos associar alguidares, caçoilas, panelas e alguns potes, com evidentes sinais de fogo, e, ainda, inúmeros pratos, tigelas e copos.

Apesar de não terem sido detectadas estruturas de lareira directamente associadas, alguns dos silha-



res da muralha do castelo surgem rubefactos, situação verificada também no Compartimento III, o que denuncia a existência de fontes de calor permanentes, provocando, por vezes, a fragmentação de parte destes.

A região de Alcobaça, sendo muito fria e húmida, obrigaria a que os compartimentos necessitassem de aquecimento constante durante o Inverno. Logo, estas lareiras seriam utilizadas não só na confecção de alimentos, mas também para aquecimento.

Além da particularidade de se encontrarem rubefactos, verificou-se a existência de vestígios de argamassa nalguns dos interstícios dos silhares colocados a descoberto durante esta intervenção. Situação semelhante verificou-se também no alçado interno da Torre de Menagem. São situações pontuais, pois conservaram-se devido ao facto de se tratarem de locais protegidos da acção humana e dos agentes naturais de erosão.

A meio da parede virada a Norte, colocou-se a descoberto a soleira da porta do compartimento (P1), constituída por quatro lajes de calcário, aparentemente reutilizadas. Nas extremidades conserva os dois encaixes da porta, revelando o da direita um acentuado desgaste. A distância entre estes permitiu determinar que a entrada no compartimento teria uma largura de 1,45 m.

Na segunda campanha, foi aberta no interior deste compartimento, mais concretamente na extremidade contígua ao Compartimento III, uma sondagem (Sond.) de 4 x 4 m, a que se deu continuidade no ano seguinte. Além de diversos pavimentos em terra batida e de bases de pilar em grés, identificou-se um nível de incêndio. Definiu-se uma mancha de cinzas, generalizada a toda a sondagem, conservando-se ainda *in situ* três barrotes de madeira carbonizada (BM), pertencentes à cobertura do compartimento. Associada a este nível de incêndio, foi encontrada uma estrutura de lareira (L2), praticamente encostada ao muro que separa este compartimento do III, constituída por uma fossa, com laje quadrangular ao centro, e uma coroa, formada por grés rubefactos, de pequena e média dimensão (Fig. 5).

A cultura material exumada diminuiu consideravelmente, tendo-se recolhido sobretudo fragmentos de cerâmica comum, datáveis dos séculos XVI-XVII.

6.1.2. Compartimento II (CII)

Os Compartimentos II e IV, dispostos perpendicularmente ao Compartimento I e que se prolongam até ao canto Noroeste do Castelo, teriam originalmente constituído uma única divisão. Em data ainda a determinar, foi fechada a porta (PA) do castelo e este grande compartimento dividido em dois.

O Compartimento II tem planta rectangular (6 x 4 m), que se caracteriza por uma certa irregularidade, e possui uma área de 24 m².

O aparelho de construção é constituído, genericamente, por pedras irregulares de pequena, média e grande dimensão, agregadas por uma argamassa bastante sólida, tornando a estrutura muito compacta.

Estrategicamente colocadas sob um nível de pavimento, identificaram-se duas bases de pilar em grés, semelhantes às identificadas no Compartmento I, cuja função seria igualmente a sustentação de um sobrado.

6.1.3. Compartmento III (CIII)

Contíguo ao Compartmento I e no alinhamento deste para Nascente, apresenta planta quadrada e é o menor dos compartimentos escavados até à data, com uma área interna de cerca de 16 m².

O aparelho de construção é semelhante aos demais, verificando-se um acentuado declive no pavimento de terra batida, desde a parede virada para o pátio até à muralha do castelo. Esta diferença de cota poderá explicar-se pelo desgaste causado por um maior uso dado ao fundo do compartimento, em relação à restante área do mesmo.

Como não foi encontrada nenhuma soleira de porta, nem detectada qualquer alteração estrutural que indique o local de entrada, podemos supor que se trata de um compartimento interior, cujo acesso se fazia pelo Compartmento I. Contudo, as modificações a que esteve sujeita a cisterna podem ter destruído os indícios da entrada a partir do exterior.

No canto Nordeste foi identificada uma lareira (L3), constituída por pedras de pequena e média dimensão, conservando ainda no interior inúmeras cinzas, carvões, restos alimentares e alguns fragmentos de pratos em faiança (Fig. 6). À semelhança dos restantes compartimentos, também se identificaram neste bases de pilar em grés. Após a escavação do pavimento onde assentavam estas bases, foram identificados outras duas, também em grés.

A julgar pela cultura material exumada, nomeadamente dedais de criança, pensamos estar perante uma sala associada à costura, já que este tipo de trabalhos era, à data, efectuado por crianças.

6.1.4. Compartmento IV (CIV)

O Compartmento IV, localizado no alinhamento do Compartmento II para Norte, apresenta planta rectangular e uma área interna de 24 m².

O acesso a este fazia-se directamente pelo pátio, através de uma porta (P2) com 1,40 m de largura, a julgar pela soleira ainda conservada *in situ*. Esta soleira, constituída por três lajes de calcário, preserva nos cantos diametralmente opostos dois gonzos que evidenciam algum desgaste. A laje do meio apresenta na extremidade direita um terceiro orifício de encaixe de porta, o que sugere uma possível reutilização da pedra ou o alargamento da entrada.



6.1.5. Pátio Central (PC)

A sondagem aberta no canto Sudoeste do Pátio Central, com uma área de 24 m², permitiu colocar a descoberto os degraus (D) de acesso ao Compartmento II e uma das quatro bases de coluna utilizadas na sustentação da cobertura do pátio.

Os degraus encostam ao muro do compartimento, acusando uma construção posterior, possivelmente aquando do fecho da porta do castelo (PA) e no momento da divisão do compartimento em dois. O aparelho de construção desta estrutura caracteriza-se por pedras irregulares de pequena e média dimensão, agregadas por argamassa.

A base de coluna (BC), em forma de V, é constituída por silhares de calcário, ostentando ao centro indícios onde assentaria o fuste, possivelmente também em calcário.

Durante o processo de desmontagem do castelo, as cantarias e outras pedras de melhor qualidade terão sido das primeiras a serem recolhidas, nomeadamente as lajes dos degraus de acesso à entrada do Compartmento II, os fustes e os capitéis das colunas que sustentariam a cobertura do pátio interno.

6.1.6. Torre de Menagem (TM)

Na Torre de Menagem, foi aberta uma sondagem de 16 m², abaixo da cota do alçado original, que abrangeu cerca de metade da mesma. Grande parte do alçado que se projecta de forma altiva para o mosteiro, foi reconstruído em 1956, possivelmente com os detritos deixados no local aquando da desmontagem do castelo, ocorrida no século XIX.

Do material arqueológico, bastante diversificado e recolhido, mais uma vez, em grande quantidade, destacam-se fundamentalmente as moedas, mas também algumas formas inteiras, tais como pucariños, malgas, tigelas e testos, correspondendo aos níveis de derrube característicos do terramoto de 1755.

Figura 6

Compartmento III (Lareira - L3).



Figura 7

Torre de Menagem (pucarinho em cerâmica comum e malga vidrada - *in situ*).

Nos níveis estratigráficos imediatamente abaixo destes derrubes, recolheu-se também espólio associado aos séculos XVI-XVII.

A escassez de materiais de maior qualidade, como as faianças e porcelanas datáveis do século XVIII, leva-nos a validar arqueologicamente as fontes escritas, quando referem que a Torre de Menagem terá funcionado como prisão pelo menos a partir do século XVI. Estes materiais, alguns dos quais importados do Oriente, estariam nos compartimentos associados aos aposentos do Alcaide e não, naturalmente, ao cárcere do castelo.

6.2. Estratigrafia

A estratigrafia identificada no interior do Castelo de Alcobça é muito homogênea, tal como o aparelho de construção e os pavimentos de terra batida dos diversos compartimentos são muito semelhantes.

Sob uma fina camada humosa, identificou-se uma camada mais espessa, constituída por argamassas, telhas, tijolos e pedra de pequena e média dimensão, deixados no local aquando da desmontagem do castelo. Este entulho é não só sintomático da grande quantidade de pedra extraída do castelo ao longo de 17 anos, como também é revelador de que era sistematicamente deixada no local, contrariando a directiva camarária que obrigava a que "por cada 6 carradas de pedra grossa levarem 4 miúdas" (VILLA NOVA 1940). Estes detritos acabaram por selar, felizmente, os níveis arqueológicos anteriores ao terramoto de 1755.

Sob este entulho, conservavam-se os derrubes dos telhados dos compartimentos e, sob estes, pavimentos em terra batida, associados sempre a bases de pilares em grés.

6.3. Espólio Exumado

A cerâmica comum (Fig. 7), recolhida em quantidades consideráveis, apresenta uma grande variedade de formas, predominando os potes, as tampas e as panelas, que ostentam sinais bem evidentes de exposição ao fogo. Outras formas que revelam indícios bem vincados de absorção de carbono são as caçoilas, alguns potes e os fogareiros utilizados na confecção de alimentos.

A decoração das formas identificadas resume-se a caneluras paralelas aos bordos, nos colos, nas panças e digitalizadas no dorso de asas, nomeadamente em formas como potes, bilhas, malgas e panelas. Além desta decoração, salienta-se ainda a existência de mamilos numa telha de meia cana com espigão.

A grande maioria das formas não revela qualquer tratamento de superfície, embora haja registo de bruido em pucarinhos, malgas, tampas, alguidares, caçoilas e em pratos de pescado. Além destas formas, os potinhos apresentam ainda aguada alaranjada. Relativamente às pastas, estas apresentam cor alaranjada, avermelhada, acastanhada e cinza.

Os candis, utilizados na iluminação doméstica, caracterizam-se por fundos rasos e paredes esvasadas, pastas compactas, depuradas e de tonalidade acastanhada. A maioria dos fragmentos apresenta sinais claros de utilização, com pastas enegrecidas.

A cerâmica vidrada (Fig. 7), em menor número que a cerâmica comum, caracteriza-se, de uma forma geral, por vidrados brancos, castanhos, amarelados e verdes, tanto baços como brilhantes, quer na face interna, como na face externa. As pastas são geralmente bem depuradas e apresentam tonalidades branca, creme e rosa.

Quanto à decoração, as formas identificadas apresentam-se maioritariamente lisas, embora alguns fragmentos de peças, como alguidares, revelem decoração incisa na parede externa, formando grandes arcos. A escudela recolhida apresenta também decoração incisa na superfície externa da asa, sobre a qual foi aplicado o verniz; há ainda potes com caneluras horizontais paralelas ao bordo. Destaca-se uma malga, que ostenta na superfície externa uma estrela pentalfa, esgrafitada no fundo.

Recolheram-se alguns fragmentos de cerâmica modelada e torneada brunida, com decoração incisa, formando curtas incisões e losangos, e empedrada, com grandes fragmentos de quartzo branco e areia fina. A cerâmica modelada caracteriza-se, genericamente, por pastas avermelhadas, apresentando-se decorada com ônfalos, incisões largas e caneluras. Cronologicamente, podemos atribuir esta cerâmica ao século XVIII, por associação estratigráfica às faianças e cerâmica comum datáveis desta centúria, embora este tipo de cerâmica surja, em contexto arqueológico, desde o século XVI.

As faianças, recolhidas também em grande quantidade, caracterizam-se tipologicamente por formas pouco variadas, tendo-se identificado apenas pratos, taças e tigelas. Os pratos (Fig. 8) têm bordos em aba larga e de secção circular, paredes por vezes altas e fundos ora convexas, ora com pé em bolacha. Tanto os pratos lisos como os decorados apresentam vidrados de cor branca, amarelada e azulada, enquanto que as pastas revelam tons cremes, amarelados, brancos e, também, rosas.

Os exemplares decorados ostentam motivos bastante diversificados, nomeadamente linhas paralelas aos bordos, pinceladas sobre estes, elementos vegetalistas, onde se destacam flores de grandes dimensões, bandas largas, espirais, geométricos, semicírculos, círculos concêntricos, em diversos tons de azul, e ainda serpentiformes, círculos concêntricos, espirais, linhas, correntes, aranhões e pinceladas, em vinhado. Entre a grande diversidade decorativa registada, salientam-se alguns fundos de pratos onde se pode constatar, por exemplo, um coração a azul, trespassado por uma seta em vinhado, uma lebre e outro animal não identificado.

Além destas decorações, que, por vezes, ocupavam densamente todo o interior dos pratos, identificaram-se diversos exemplares com segmentos do topónimo “Alcobaça” (Fig. 9), em azul claro, vinhado e, também, em preto, por vezes apresentando letras bastante elaboradas. Destes, apenas um exemplar em vinhado surge representado na face interna da aba, enquanto que os restantes surgem nas faces internas de fundos. Salientam-se ainda dois fundos de pratos que ostentam, na face externa, barretes cardinalícios. Um dos pratos exhibe um barrete azul, contornado a vinhado, e o outro exemplar três barretes paralelos, de menores dimensões que o anterior, pintados exclusivamente a azul. Realça-se ainda um pratel em faiança com a representação de *Agnes Dei*, em diversos tons de azul (Fig. 10).

As tigelas (Fig. 11) apresentam bordos e paredes rectas e recortadas, fundos planos e com pé em bolacha. Os exemplares identificados apresentam vidrados brancos, amarelados e esverdeados e pastas de tonalidade amarelada, creme, branca e, ainda, rosa. Os restantes fragmentos revelam decorações bastante variadas, nomeadamente linhas paralelas ao bordo, grande variedade de elementos vegetalistas, bandas largas, semicírculos, círculos concêntricos, espirais, em diversos tons de azul, e serpentiformes, aranhões e espirais, em vinhado. Os vidrados apresentam cor branca, azulada e amarelada e as pastas revelam-se amarelas, cremes, brancas e rosas.

Quanto às taças, as menos representadas entre a faiança recolhida, caracterizam-se por bordos suavemente esvertidos, paredes rectas e fundos igualmente com pés em bolacha. Apenas um dos fragmentos é decorado com linhas azuis e motivos vegetalistas,



Figuras 8 e 9

Pratos em faiança, em deles com o topónimo “Alcobaça”.

sobre vidrado branco e com pasta branca. Os fragmentos lisos ostentam vidrados, não só brancos, como também amarelados, apresentando ainda pastas de tonalidades rosa, creme e amarelada.

A porcelana exumada, com inúmeros fragmentos de reduzidas dimensões, resume-se a formas como pratos e tigelas. Os desenhos que ostentam, em tons de azul claro e escuro, parecem revelar apenas motivos vegetalistas e fauna. Trata-se de peças importadas do Oriente e surgem em níveis estratigráficos do século XVIII.

Os aspectos lúdicos da vida também foram registados arqueologicamente nestas três campanhas. Símbolo de lazer e divertimento, as peças de jogo eram elaboradas a partir do afeiçoamento de materiais diversos, facto comprovado pelos achados conseguidos no Castelo de Alcobaça, mais precisamente em faiança, cerâmica vidrada, cerâmica comum e telha, num total de cerca de cinquenta exemplares. Os diâmetros destas variam entre os dois e os 8 cm, e podemos associá-las a formas como telhas, alguidares, pratos, potes e panelas. Salienta-se uma malha de jogo elaborada a partir de um fundo de um prato em faiança, com as letras BA em azul claro, do topónimo “ALCOBAÇA”.

Na Torre de Menagem, em níveis estratigráficos do século XVI, recolheu-se um fragmento do foinho de um cachimbo, queimado, em cerâmica comum modelada, no qual é possível ver as dedadas do oleiro. No Compartimento I recolheram-se também tubos de diversos cachimbos, mas em níveis do século XVIII, com sinais de polimento, pastas de argila muito fina, de tonalidades es-



Figuras 10 e 11

Prato (*Agnes Dei*, em cima) e tigela, ambos em faiança.

branquiçada, amarelada, avermelhada e enegrecida, maioritariamente lisos, e um exemplar nitidamente modelado, decorado com flores de cinco pétalas.

Os dedais em bronze, cujas dimensões sugerem tratar-se de dedais de crianças e adultos, foram recolhidos no Compartmento III, Pátio Central e Torre de Menagem. Todos os exemplares apresentam-se intensamente decorados, com punção pontilhada.

As moedas, maioritariamente ceitis, foram recolhidas em todas as áreas intervencionadas mas, fundamentalmente, na Torre de Menagem, onde se recolheram, na terceira campanha, 74 exemplares, entre os quais um ceitel de D. Manuel e um real de D. João III. No Compartmento IV, recolheu-se ainda um real de D. Sebastião.

No Compartmento III, foi recolhida uma medalha em bronze, de forma oval, com 2,2 cm de largura máxima, conservando ainda a pega de suspensão, com o respectivo furo. Numa das faces ostenta, aparentemente, a figura de José com o menino Jesus ao colo e, na outra, a figura da Virgem Maria.

Neste compartimento, recolheu-se também uma pregadeira (Fig. 12) com 2,7 cm de comprimento e a imagem de Santo António, ostentando um cordão à cintura, o menino Jesus ao colo na mão esquerda e, na mão direita, uma cruz. Falta-lhe a perna direita e, no anverso, conserva ainda a pega com furo. Semelhante pregadeira foi encontrada nas escavações efectuadas no antigo Hospital da Confraria do Espírito Santo dos Pescadores e Mareantes de Sesimbra (LYSTER FRANCO *et al.* 1984-1988), o que nos leva a acreditar numa produção

em série deste tipo de pregadeiras ao longo do século XVIII, em local que se desconhece.

A pregadeira em bronze constitui a segunda representação de Santo António entre o espólio recolhido, pois, logo na primeira campanha, recolheu-se uma pequena figura do santo (Fig. 13), em terracota moldada, com apenas 2,7 cm de altura. Na base, conserva ainda vestígios de tinta vermelha e, no corpo, uma aplicação branca. Possui um furo que a trespassa da cabeça à base, o que sugere que faria parte de um rosário ou terço.

No Compartmento IV, recolheu-se uma segunda medalha (Fig. 14), ostentando numa das faces S. Caetano⁹ e na outra o Beato André¹⁰, ambos italianos, da Congregação dos Clérigos Regulares, fundada pelo primeiro em 1524. Também chamados Teatinos, foram conhecidos em Portugal por Caetanos.

Em todas as áreas intervencionadas, foram recolhidos inúmeros fragmentos de bordos, paredes, asas e fundos de copos, potes e garrafas de vidro. É um vidro de grande qualidade, de diversas espessuras e decoração diversificada, nomeadamente com inúmeros tipos de apliques. As cores também são bastante variadas e com diversos graus de opacidade, predominando o azul-escuro e o verde, além do branco. A oxidação é bastante considerável, fundamentalmente nos fragmentos de vidro branco translúcido. Além destas formas, recolheu-se na Torre de Menagem uma lente de óculo, circular, com 3,2 cm de diâmetro e 15 mm de espessura, bastante oxidada e com areias agregadas.

Além das formas atrás descritas, recolheram-se diversas contas de colar, terço ou rosário, de vidro branco translúcido, e uma outra negra, totalmente opaca, que, ao contrário das outras, que apresentam um furo que as trespassa de um lado ao outro, possui um pequeno aro oval em metal, para suspensão. No Compartmento I, foram recolhidas duas contas de marfim, cuja forma incaracterística leva-nos a considerá-las como de colar, rosário ou terço.

O pau-preto foi recolhido em grande quantidade, constituindo fundamentalmente material em bruto. Destacam-se uma figa e diversas contas, profusamente decoradas com caneluras, apresentando todos os exemplares sinais de se terem partido, provavelmente aquando do seu talhe.

O material em sílex recolhido consistiu em dezasseis fragmentos de lascas, que conservam ainda restos do córtex, e em dois fragmentos de lâminas, com sinais bem evidentes de talhe. A cor deste varia entre o amarelado-acastanhado e o avermelhado.

No Compartmento III, recolheu-se, também em níveis estratigráficos do século XVIII, uma bola de arremesso, em calcário, de grandes dimensões, e projecteis em arenito, em diversos compartimentos.

Junto ao muro do Compartmento I, que encosta à cisterna, foi encontrado um silhar de calcário (Fig. 15)

Figuras 12 e 13

Pregadeira em bronze (em baixo) e estatueta em terracota (em baixo, à direita), ambas representando Santo António.



⁹ Caetano Tienne (São) nasceu em Vicenza, em 1480, e morreu em Nápoles, em 1524. A congregação que fundou destinava-se à reforma do clero. Teve sede em Portugal.

¹⁰ André Avelino (São) nasceu em Castro Nuovo, em 1521, e morreu em Nápoles, em 1608. Entrou para os Teatinos em 1556, e foi um dos grandes obreiros da Contra Reforma.



← Figura 14

Medalha em bronze (S. Caetano e Beato André).

O cruzamento das fontes escritas com a leitura da estratigrafia identificada e com o espólio associado, leva-nos a definir oito momentos distintos da história mais recente do Castelo de Alcobça, a saber:

1º. Calcolítico: os restos de núcleos e fragmentos de lâminas em sílex, recolhidos em praticamente todas as áreas intervencionadas, revelam a existência de uma indústria lítica que denuncia a ocupação humana da pequena colina sobranceira ao rio Baça durante o Calcolítico. Contudo, importa salientar que este material lítico surge descontextualizado, em níveis estratigráficos do século XVIII, situação clara de estratigrafia invertida resultante da abertura da cisterna, que terá violado níveis estratigráficos datáveis deste período;

2º. Século XVI: o ceíl de D. Manuel e os reais de D. João III e de D. Sebastião marcam cronologicamente o século XVI no Castelo de Alcobça;

3º. Século XVII: a recolha de cerâmica de pasta avermelhada, muito fina, com decoração modelada, caracterizada por bordos recortados e ònfalos, datada dos séculos XVI-XVII, revela a existência de níveis de ocupação humana atribuídos a este período;

4º. 1727-1755: nos níveis estratigráficos datados do século XVIII, recolheu-se um fragmento de fundo de prato, em faiança com o brasão dos Silvas (Fig. 17), e um fragmento de um fundo de tigela onde se pode ler, de forma truncada, “ORREI”¹¹. Consultada a lista dos alcaides de Alcobça, verificou-se que o alcaide em exercício durante o terramoto era da família Silva. Tratava-se de Bento Luiz Correia de Mello, natural do Porto, professo na Ordem de Cristo, fidalgo da Casa do Rei, filho de Luiz de Mello da Silva e de D. Margarida Thereza Correa. Foi nomeado por seu tio, o Reverendíssimo Geral Frei Bento de Mello, a 22 de Dezembro de 1727, tendo desistido do cargo para ser nomeado o seu filho, a 25 de Abril de 1779 (ARQUIVO de Alcobça). Até à data do arranque deste projecto, pairava a dúvida se os alcaides teriam vivido ou não no castelo. A riqueza da cultura material encontrada comprova, pelo menos, que este alcaide terá efectivamente vivido no castelo. Assim, Bento Luiz Correia de Mello, rodeado de faianças de grande qualidade, importando porcelana chinesa e especiarias do Oriente, é o alcaide em exercício e a residir no Castelo de Alcobça até ao terramoto, o que nos permite concluir que o contexto cronológico registado será, grosso modo, posterior à nomeação do alcaide e anterior ao terramoto. Este terramoto parece selar, de facto, um momento específico da história do castelo. A cronologia apontada para a cultura material é semelhante em toda a estratigrafia, já que os

Figuras 15 e 16 ↓

Marcas de canteiro, em silhar de calcário e na porta do castelo (em baixo).



↑ Figura 17

Prato em faiança, com brasão dos Silvas.

de forma paralelepípedica, com marca de canteiro e espigão de ferro no topo. Este silhar poderá ter sido trazido do Mosteiro de Alcobça, uma vez que a marca de canteiro que ostenta é semelhante àquelas que lá se podem encontrar. No emparedamento da porta do castelo (PA), foram identificadas mais duas marcas de canteiro (Fig. 16), também semelhantes às que se encontram no mosteiro.

Os materiais fabricados em osso consistiram, exclusivamente, em instrumentos associados à tecelagem e/ou costura. Este espólio consistiu em quatro fragmentos de furadores, um dos quais apresenta a extremidade pontiaguda, numa tecedeira, feita a partir de um osso de um mamífero de grande porte, e numa agulha, aparentemente elaborada a partir de um osso de ave, conservando ainda um pequeno furo na extremidade mais espessa.

Entre as colheres e facas recolhidas, com lâminas em ferro, destaca-se um cabo de faca em marfim, decorado com círculos concêntricos.

A fauna, bastante numerosa e diversificada, constituída por restos mamalógicos, malacológicos e por vértebras de peixes, representa os restos alimentares dos alcaides em exercício no Castelo de Alcobça, assim como de todos aqueles que nele habitavam ou trabalhavam. Estes restos foram recolhidos juntamente com inúmeras cinzas e carvões (vestígios de lareiras) e estão associados a formas como caçoilas e panelas. Salienta-se o facto da costa à data ser relativamente mais próxima que a actual, daí a abundância de ostras, lingueirão, berbigão, mexilhão e búzios entre os restos alimentares exumados.

6.4. Enquadramento cronológico

As três campanhas de escavações, efectuadas no âmbito do PNTA em curso no Castelo de Alcobça, permitiram recolher uma cultura material de excepcional importância científica e arqueológica, em contexto fechado, associada a espaços de habitação/cozinha e “costura”.

O inegável valor histórico-arqueológico desta cultura material deixa-nos bastante expectantes na realização de futuras intervenções. O castelo reveste-se assim de uma enorme importância, na medida em que poderá vir a dar um enorme contributo para a história de Alcobça, nomeadamente para a história da região antes da instalação dos monges de Cister.

¹¹ Parte do apelido materno do alcaide – CORREIA.

níveis de derrube, onde foi recolhido a grande maioria do espólio, estão associados ao terramoto;

5°. 1755: posteriormente a esta data fatídica, o castelo terá deixado de ser não só alcaidaria, como também a Torre Albarã terá deixado de ser utilizada como prisão, ficando assim a vila de Alcobaça sem cadeia;

6°. 1755-1838: apesar do colapso, o castelo terá tido uma ocupação ocasional, uma vez que foi possível registar indícios do fabrico de rosários/terços e crucifixos, em pau-preto;

7°. 1838-1855: o período de desmontagem do castelo, ocorrido durante a falta de pedra para construção que se verificou na região de Alcobaça, está registado através da acumulação de uma enorme quantidade de entulho, efectuada ao longo de 17 anos, que selou os níveis arqueológicos;

8°. 1956: as moedas encontradas nos níveis estratigráficos superiores, com cunho anterior à década de 1950, poderão ter sido perdidas no local aquando da reconstrução do castelo em 1956, no âmbito da visita da rainha Isabel II de Inglaterra a Alcobaça.

6.5. Considerações Finais

Embora a quarta campanha do projecto esteja destinada ao tratamento e inventário exaustivo do inúmero espólio exumado, está programado para 2008 o retomar de um novo ciclo de campanhas de escavações no castelo, estendendo-se posteriormente à Torre Albarã, ao fosso existente entre o castelo e a Barbacã e ao longo do possível trajecto desta.

Estas futuras intervenções serão determinantes para averiguar o período da fundação do castelo, apurando qual das teses avançadas está efectivamente correcta. Mais precisamente, se foram os visigodos, os árabes ou já os cristãos, que primeiro edificaram no local.

A presença islâmica está bem patente na toponímia do concelho, nomeadamente nos topónimos de Alfeizerão e Alpedriz. Contudo, esta presença na região é mal conhecida. Logo, a identificação no Castelo de Alcobaça de vestígios de arquitectura militar e da cultura material relativas a este período reveste-se de uma enorme importância.

Pretende-se averiguar também a existência das restantes bases de coluna da cobertura do pátio, pois, tal como referem as fontes, estas eram em número de quatro.

Confirmar a ocupação calcolítica da colina onde se encontra o castelo, uma vez que os inúmeros materiais líticos apontam para a presença humana neste período, e recuperar o traçado da Barbacã, mandada construir pelo Abade D. Frei Martinho, em 1369, são outros dos objectivos a atingir neste projecto.

Finalizadas as escavações arqueológicas, caberá à Câmara Municipal de Alcobaça desenvolver um projecto de recuperação e valorização do monumen-

to, que passará certamente pela consolidação estrutural de toda a construção, pela criação de um percurso pedestre, com toda uma sinalética de apoio, e pela criação de um núcleo museológico na cisterna, com os próprios materiais arqueológicos recolhidos, já que a área o permite e a altura desta admite dois pisos.



Bibliografia

- "ARQUIVO de Alcobaça". Livro da Dataria Secular, folhas n.º 88 e 89.
- BARBOSA, Pedro Gomes (1987) – "Plano Arqueológico de Alcobaça. Novas Perspectivas". In *Da Pré-História à História. Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira*. Lisboa: Editorial Delta, pp. 321-328.
- BOAVENTURA, Frei Fortunato de S. (1827) – *História Chronológica e Crítica da Real Abadia d'Alcobaça*. Lisboa, p. 32.
- BRANDÃO, Frei António (1632) – *Monarchia Lusitana*. Lisboa. Livro X, Cap. XXIV, folha n.º 185.
- CHAGAS, Pinheiro (s.d.) – *Dicionário Popular*, p. 9.
- FIGUEIREDO, Frei Manuel de (1780) – *Arte e Arqueologia*. Ano I. 4: 225 e seg.
- FOLGADO, Deolinda e RAMALHO, Maria (2000) – "A Cerâmica Comum Fina de Finais do Século XVI-XVII. Inovação ou Tradição?". In *Casa do Brasil/Casa Pedro Álvares Cabral*. Santarém: Câmara Municipal de Santarém, pp. 39-60.
- GOMES, Saúl (s.d.) – *Testamento de D. Sancho I, Outubro de 1210*. Documentos de D. Sancho I, ANTT, n.º 194.
- LEAL, Pinho (1873-1890) – *Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa: Livraria Editora de Matos Moreira, p. 72.
- LEMO, Maximiano de (s.d.) – *Enciclopédia Ilustrada*. Vol. I, p. 162.
- LYSTER FRANCO, Gonçalo *et al.* (1984-1988) – "Escavações no Antigo Hospital da Confraria do Espírito Santo dos Pescadores e Mareantes de Sesimbra". *Arqueologia e História*. Série X. 1-2 (1): 155-186.
- MONTEIRO, Adriano (1995) – "Incidências da Transformação da Costa Atlântica na Constituição da Nazaré". In *I.ªs Jornadas Sobre Cultura Marítima*. Nazaré, pp. 3-38.
- NATIVIDADE, M. Vieira (1885) – *O Mosteiro de Alcobaça (notas históricas)*. Coimbra: Imprensa Progresso, p. 10.
- PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme (1904) – *Diccionario de Portugal*. Lisboa. Vol. I, p. 162.
- SANTOS, Fr. Manoel dos (1710) – *Alcobaça Ilustrada. Noticias e história dos mosteiros e monges insignes cistercienses da congregação de Santa Maria de Alcobaça*. Coimbra, p. 66, 429 e seg.
- VILLA NOVA, Bernardo (1940) – *Alcobaça Através do Arquivo da sua Câmara Municipal (1836-1902)*. Alcobaça: Câmara Municipal de Alcobaça.
- VILLA NOVA, Bernardo (1941) – *O Progresso Urbano da Vila de Alcobaça. Algumas outras notas*. Lisboa: Imprensa Lucas e C.ª, pp. 21-22 e 39.
- ZBYSEWSKI, G. e FRANÇA, J. Camarate (1963) – *Carta Geológica de Portugal. Notícia explicativa. Folha 26-B (Alcobaça)*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.